CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
23 de abril de 2022

KILL BILL
VOL. 1 / 2003 e VOL. 2 / 2004
(Kill Bill: Vol. 1 e Vol. 2)

um filme de Quentin Tarantino

Realização: Quentin Tarantino / **Argumento**: Quentin Tarantino, Uma Thurman / **Fotografia**: Robert Richardson / **Direcção Artística:** Yohei Taneda, David Wasco **/ Montagem**: Sally Menke / **Música:** RZA **/ Intérpretes**: Uma Thurman (Beatrix Kiddo/The Bride/Black Mamba), David Carradine (Bill/Snake Charmer), Lucy Liu (O-Ren Ishii/Cottonmouth), Vivica A. Fox (Vernita Green/Copperhead), Daryl Hannah (Elle Driver/Califórnia Mountain Snake), Michael Madsen (Budd/Sidewinder), Julie Dreyfus (Sophie Fatale), Chiaki Kuriyama (Gogo Yubari), Chia Hui Liu (Pai Mei/Johnny Mo), Sonny Chiba (Hattori Hanzo), Michael Parks (sheriff Earl McGraw/Esteban Vihaio), Bo Svenson (Reverendo Harmony), Perla Haney-Jardine (B.B.), etc.

Produção: Lawrence Bender, para a Miramax / **Cópias**: da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, coloridas, legendadas em português / **Duração**: Vol. 1: 110 minutos; Vol. 2: 136 minutos / **Estreia Mundial**: Vol. 1: 3 de Outubro de 2003; Vol. 2: 16 de Abril de 2004 / **Estreia em Portugal**: Vol. 1: 24 de Outubro de 2003; Vol. 2: 29 de Abril de 2004.

Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Este é um daqueles filmes que antes de ser de "culto" já o era. Após uma ausência de seis anos (como realizador, pois esteve sempre activo noutras categorias), Quentin Tarantino regressou com um novo filme em duas partes. O espaço de tempo que separa **Jackie Brown** (1997) de **Kill Bill** foi bem gerido pelo autor, primeiro através da expectativa pelas razões do hiato (esgotamento da sua aparentemente inesgotável imaginação?, foi como durante algum tempo se interrogaram os seus detractores e recearam os seus fãs), depois pela curiosidade que o anúncio do novo filme gerou e que a sua gestação e lançamento alimentaram. Projectado desde sempre como um filme único, acabaria por ser dividido em duas partes por sugestão da Miramax, receosa de que a longa duração estragasse a exploração comercial. Não se trata, pois, de dois episódios que se poderiam ver de forma independente, a exemplo de muitas outras séries que por aí andam. E mesmo as diferenças que se podem encontrar entre as duas partes resultam simplesmente da própria evolução da narrativa que em si mesma testemunha um definitivo amadurecimento de Tarantino. O *wonder boy* que surpreendeu o mundo do cinema com **Reservoir Dogs**, e confirmou o talento com a obra-prima **Pulp Fiction** e, de novo, em **Jackie Brown**, mostra que é ainda um dos nomes mais importantes do moderno cinema americano com **Kill Bill**, e possivelmente o expoente maior do que se poderia entender como a sua faceta "pós-moderna", na forma como se alimenta dos mitos do cinema clássico e, por sua vez, fabrica outros. Aliás, a evolução deste filme parece corresponder, em certa medida, à do próprio Tarantino, e as diferenças entre as duas partes a que me referi reflectem esse percurso, sendo a primeira uma espécie de manifesto por um cinema popular onde Tarantino expõe tudo o que o influenciou e o alimentou nos filmes que viu, e a segunda com o realizador expondo o seu estilo próprio (de escrita e de filmar) depois de digeridas e assimiladas aquelas influências.

O Volume 1 reúne praticamente todo o cinema que entusiasma Tarantino, e que até então homenageara sempre de forma marginal à narrativa. Desta vez não se trata de referências ou homenagens. Trata-se, agora, de assimilar e recriar (no sentido de dar uma nova vida, como também o fazia **Crouching Tiger, Hidden Dragon/O Tigre e o Dragão**, de Ang Lee) e não de copiar o modelo. Não há capítulo (**Kill Bill** divide-se em capítulos, montados de forma não cronológica) em que não se encontre algo que de imediato nos ligue à memória do cinema popular, em todos os sectores, tanto na imagem, como na música (sons à Morricone, especialmente vindos da trilogia do "Homem sem Nome" com Clint Eastwood), nos figurinos e modelos (as máscaras dos "Crazy 88" que atacam a "Noiva" no capítulo do encontro com Cottonmouth/Lucy Liu, iguais à de Bruce Lee no papel de Kato o auxiliar de "The Green Hornet" na série de televisão, a mota amarela da "Noiva", também no volume 1, de modelo semelhante à do mesmo Lee no seu último filme, **Game of Death**), inclusive (agora no Volume 2) a fotografia granulosa e riscada dos filmes de Hong Kong, na aprendizagem da "Noiva" com Pai Mei. A isto junta-se a presença de algumas figuras míticas dos filmes de artes marciais de Hong Kong (hoje na reforma) como Sonny Chiba no papel de Hattori Hanzo, o fabricante de espadas que a "Noiva" visita no Volume 1, ou Chia Hui Liu, que, como Michael Parks, aparece em dois papéis, o do mestre da "Noiva", Pai Mei e no de um dos guardas costas de Cottonmouth, Johnny Mo. Filmes de artes marciais, de Yakuzas, do filme de samurais de Akira Kurosawa, e *western-spaghetti*, entre outros, eis géneros que Tarantino assimilou na perfeição e de que **Kill Bill** é um fabuloso resumo (a que se junta, também, uma referência a um fenómeno mais recente, o da banda desenhada *manga* e do *anime*, cinema de animação japonês, num capítulo fabuloso que ilustra, com todos os excessos característicos do género, a origem da personagem de Cottonmouth). E há também uma outra, sendo esta, sim, uma piscadela de olho a cinéfilos, remetendo para um clássico de John Ford**, The Wings of Eagles/A Águia Voa ao Sol,** na cena em que a "Noiva" se esforça, mentalmente, em fazer mover o dedo do pé, após despertar do coma. A homenagem, aliás, começa logo pelo princípio: após o logotipo da Miramax, surge outro, que é o da antiga produtora dos filmes de artes marciais, a Shaw Brothers. Mas a presença mais importante (no primeiro Volume) é uma presença invisível. É a de Mestre Yuen Wo Ping, o responsável pela coreografia dos combates, que assinou a de muitos dos filmes de Hong Kong antes de ser conquistado por Hollywood, onde realizadores como os irmãos Waschowski e Ang Lee lhe deram a direcção dos combates da série **The Matrix** e de **Crouching Tiger, Hidden Dragon**. Wo Ping tem um dos seus grandes momentos na encenação do combate da "Noiva" contra os "Crazy 88" e contra Cottonmouth. Estamos aqui no mundo do puro cinema de acção e entretenimento, onde não há lugar para exigências lógicas, não só de movimentos e combates mas da própria resolução de algumas situações, como a milagrosa recuperação da "Noiva" após quatro anos em coma, e no episódio *anime* a presença de O-Ren Ishii (futura Cottonmouth), no exterior na casa incendiada, sendo as soluções da mesma ordem da que nos fazia aparecer Indiana Jones na caverna do submarino alemão antes da chegada deste, onde viera montado!). O estilo próprio de Tarantino surge já aqui na forma como usa a irreverência e o humor, sabendo também introduzir a surpresa e uma mudança dentro da mesma acção, como no combate contra Cotonmouth e seus guarda-costas, com a súbita mudança de cor e a passagem do preto e branco para a cor representada por uma piscadela de olho, e na transfiguração poética na cena do combate entre as duas mulheres sob a neve. No Volume 2, Tarantino altera em parte esse estilo. Usando também de uma montagem não cronológica (o começo é um regresso ao massacre na igreja de que a "Noiva" foi vítima, vista de um outro ângulo, através da entrada em cena dos seus antigos cúmplices) é mais contida em termos de suspense, com a longa sequência do caixão (memória de Hitchcock) que proporciona outra regresso ao passado (a aprendizagem com Pai Mei, onde Bill faz, pela primeira vez, referência ao "golpe dos cinco toques" no coração), e a prodigiosa sequência do encontro final da "Noiva" e Bill, com os diálogos bem marcados por "tarantinices" (aqueles quase monólogos provocantes e irreverentes).

Manuel Cintra Ferreira